

# **CAMINHANDO, CANTANDO E COMPONDO PERSONAGEM CONTADORA DE HISTÓRIAS**

**Marilia Tresca**

**Faculdade de Conchas - FACON**

mariliatresca@gmail.com

Orientação: Prof. Ms. Giuliano Tierno de Siqueira

## **RESUMO**

O artigo pretende pensar a experiência da pesquisadora como contadora de histórias personagem. A proposta é a de analisar esta experiência de vinte e cinco anos expondo o método de composição de um contador de histórias personagem.

Palavras-chave: personagem, narração de história.

## **ABSTRACT**

The article intends to think the experience of the researcher as an accountant character stories. The proposal is to analyze the experience of twenty-five years exposing the composition method of an accountant character stories.

Key-works: character, storytelling

Estávamos no ano de 1991, quando eu trabalhava como orientadora de estudos e pesquisas na biblioteca de uma escola da cidade de São Paulo. A minha função era a de ajudar aos alunos encontrarem o material bibliográfico para seus trabalhos escolares e orientá-los na execução dos mesmos. Porém, algo que me incomodava muito, era o fato do ambiente da biblioteca ser pouco frequentado para leitura e empréstimo de livros de literatura infanto-juvenil. Resolvi então implementar um projeto de leitura e contação de histórias para os alunos da pré-escola. Para isso, precisava preparar com antecedência as histórias que seriam trabalhadas. Foi então, num desses dias de preparação que tomei contato pela primeira vez com uma coleção de livros sobre as aventuras de uma bruxa bem diferente das bruxas tradicionais dos contos de fada: a Bruxa Onilda.

Personagem principal de uma série de livros infantis escritos pelos catalães Enric Larreula e Roser Capdevila lançados pela Editora Scipione, chamou muito minha atenção e me suscitou o desejo de contar suas histórias. Foi uma identificação imediata com aquela personagem boa, porém muito atrapalhada e a partir daquele momento comecei a compor uma personagem contadora de histórias que faz muito sucesso até hoje, passados mais de vinte anos de atuação.

Durante esse tempo todo, em que fui compondo e aperfeiçoando a atuação da

Bruxa Onilda, criei um caminho, um método para compor uma personagem que conta histórias e o objetivo desse trabalho, sem pretensão de dar receita é o de ajudar outros contadores de histórias que também o queiram fazer na “pele” de uma personagem.

Antes de iniciar escrever este trabalho, a minha relação com a Bruxa Onilda era totalmente intuitiva, pois eu sabia que essa personagem tinha mexido comigo, porém, durante o processo de escrita deste artigo, trabalhei no sentido de investigar o que na minha biografia tinha de elementos que me remetiam à vida da bruxa, foi quando me surpreendi encontrando inúmeros elementos de identificação.

Para isso vou contar as principais experiências que tive durante esses vinte e cinco anos de atuação, dialogando com alguns autores que elegi como norteadores do meu trabalho como Beth Brait e Eugênio Kusnet e fazendo conexões com a minha própria vida.

Assim, o meu convite está aberto a todos que queiram se inspirar no apaixonante caminho de contar histórias emprestando voz e corpo a uma personagem da ficção.

Antes, porém, de falar sobre o método propriamente dito, gostaria de contar um pouco sobre mim e a relação com os livros e as histórias, algo que acho relevante para entendermos a identificação imediata com a personagem responsável pelo nascimento da contadora de histórias que me tornei.

O meu amor pelos livros e pelas histórias começou muito cedo. Eu devia ter uns três anos de idade e brincava com os livros da estante lá de casa. Fazia com os maiores, as paredes e o telhado, e com os menores, banquinhos e mesinhas. Ainda nem adivinhava o que estava escrito neles, mas já me eram muito familiares e queridos. Antes mesmo de ser alfabetizada, me encantava e me surpreendia com o livro que eu usava como telhado. Ele tinha gravuras em preto e branco maravilhosas. Cenas do inferno, do purgatório e do paraíso. Mais tarde, quando já sabia ler, descobri que o livrão era nada menos que *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, e as ilustrações que tanto me impressionavam eram de Gustave Doré.

A minha infância foi muito intensa, recheada de experiências felizes e criativas. Tinha por companhia uma tia que com apenas cinco anos a mais do que eu, demonstrava muita imaginação! Me lembro que na maior parte de nossas brincadeiras, não utilizávamos brinquedos e sim a criatividade.

Havia, atrás de minha casa, um barracão, onde meus pais guardavam ferramentas e num caibro que sustentava o telhado havia um grande prego dobrado que se podia girar

porque estava folgado na madeira. Aquele prego segundo minha tia, era a chave para entrarmos no mundo das possibilidades irrestritas. Quando o girávamos para a direita, o barracão se transformava, por exemplo, em um avião, e podíamos sobrevoar vários lugares que a nossa imaginação ilimitada percorria. Um outro giro e já estávamos em um navio, ou em um castelo de princesas. Algumas vezes eu caía de um barco e ficava nadando desesperadamente, fugindo de tubarões. Outras vezes girávamos o prego e adquiríamos a habilidade de voar sem nenhum meio de transporte.

Meus tempos de criança foram assim, repletos de estímulos positivos ao desenvolvimento da imaginação e criatividade, porém, também com alguns dissabores e frustrações.

Minha mãe conta que certo dia, quando eu ainda era bebê, num descuido de minutos, ela me encontrou sentada no chão da cozinha mastigando comprimidos de adoçante. A cena que ela presenciou foi a de várias pílulas espalhadas pelo chão e eu com algumas nas mãos e outra na boca. Ela rapidamente tirou tudo de mim e ficou me observando para ver se não passava mal. Provavelmente eu não cheguei a ingerir muita coisa, por isso fiquei bem, mas o susto de minha mãe foi grande.

Ocorreu um outro episódio, e este eu me lembro bem, devia ter uns quatro anos. Após o almoço, minha mãe chamou minha tia e eu para tirarmos um soninho. Ela costumava fazer isso todas as tardes para descansar um pouco do trabalho doméstico, e nos chamava para irmos junto, pois não teria sossego com duas peraltas se esbaldando no quintal. Porém, eu estava sempre com muita energia e nunca dormia. Ficava lá deitada ao lado delas matutando um jeito de sair devagarinho sem acordá-las.

Num dado momento, quando percebi que estavam dormindo, levantei e fui para a cozinha executar todo o plano que em minha cabeça havia arquitetado durante o tempo de espera. Eu havia me imposto um desafio: Seria capaz de comer de uma vez uma dúzia de bananas? Foi o que comecei a fazer. Descasquei a primeira e a comi rapidamente. A segunda, a terceira, a quarta... e lá pela quinta comecei a passar mal. Então tive que acordar minha mãe, que nem precisou perguntar o que aconteceu. Bastou sentir aquele bafo de banana para adivinhar o que havia acontecido. Ela me deu um remédio e eu melhorei logo.

Minha tia, era muito magra e eu já era mais encorpada, não chegando a ser gorda, mas era meio desajeitada e ela usava uma palavra para me definir: estabanada. Ela era toda esguia e delicada, e eu me sentia a gorda atrapalhada e esganada.

Agora que já conhecem algumas características e histórias que concorreram para que eu simpatizasse com a Bruxa Onilda contarei algumas experiências, quase como lições para mim desta composição da personagem, desde que comecei a narrar suas histórias, e explicitarei o método.

Durante esses anos de atuação como a Bruxa Onilda contadora de histórias fui aos poucos compondo a personagem, dando carne a ela de uma forma intuitiva sem ter noção de que estava criando um método. Um método para que outros contadores de histórias que queiram atuar como personagens possam ter um caminho que os norteie na composição. Eu mesma me beneficieei deste método, quando tive que compor uma outra personagem bruxa para atuação no Caminhão de Histórias<sup>1</sup> que umas amigas haviam criado e me convidaram para participar.

No início a ideia era a de que eu contasse histórias da Bruxa Onilda, mas para isso precisávamos resolver alguns problemas burocráticos com relação a direitos autorais, que demandariam gastos financeiros que não estavam previstos no orçamento. Resolvi o problema criando uma outra personagem: a Bruxarope, e escrevendo histórias inéditas para ela.

Com vistas a pensar a construção da personagem e o método que utilizo desde o momento que me encontrei com a Bruxa Onilda, destaquei alguns pontos que pretendo desenvolver nesse artigo.

## 1. Identificação

Na época em que conheci a coleção da Bruxa Onilda comecei a planejar contar as histórias que tanto fizeram aflorar em mim, emoções de alegria, de cumplicidade e ternura. Eu mesma confeccionei o figurino, tomei emprestadas as botas de meu marido e comprei o chapéu e os óculos sem lentes. E assim vestida como ela, comecei a narrar as aventuras desta bruxa diferente, tão humana, cheia de defeitos e imperfeições. A personagem já deixa claro suas características logo no primeiro livro *As memórias da Bruxa Onilda* (1991: pp.12-13-14):

[...]Aí eu nasci. Nasci dois dias antes do tempo.[...] Foi um desastre! Por causa da diferença de dia e hora, os astros não estavam na posição correta para eu nascer. Por isso, sempre tive que enfrentar tantos problemas a minha vida inteira.

---

<sup>1</sup> O Caminhão de Histórias foi criado em 2012 pelas irmãs Luciane e Cristiane Cardoso que adaptaram a carroceria de um caminhão para servir de palco e cenário a contadores de histórias. <http://www.planetbooks.com.br/projeto-caminhao-de-historias.html>. <http://www.vidabuena.com.br/cultura/787-era-uma-vez-um-caminhao-de-historias.html>

A identificação foi imediata e passei a narrar as histórias na biblioteca da escola onde trabalhava e algum tempo depois, participando da feira do livro na própria escola, logo após uma apresentação da Bruxa, fui convidada por um divulgador de uma editora participante, a me apresentar contando histórias em outras escolas e espaços culturais. Nascia assim, oficialmente e profissionalmente a Bruxa Onilda contadora de histórias.

O primeiro ponto importante a analisarmos é o que nos move, o que dispara em nós a vontade de contar histórias na pele de uma personagem. Penso que, num primeiro momento, quando tomei contato com a coleção de livros, já gostei logo de pronto da figura da Bruxa. Não era feia, nem bonita, tinha um ar engraçado, um corpo e uma cara, que tem a maioria das pessoas, extremamente comum. O texto narrado em primeira pessoa criou em mim uma empatia com a Bruxa que me deu vontade de ser como ela e contar suas histórias. Histórias estas tão mais próximas da nossa humanidade, do que da para-normalidade das bruxas. Identifiquei na personagem características minhas como a atrapalhão, uma certa ingenuidade e a naturalidade diante de problemas complexos, o bom humor, a falta de censura em dizer o que pensa, a obstinação e aquele ar de bonachona.

Para ilustrar uma de minhas características em comum com a Bruxa, vou contar outro fato que aconteceu comigo quando era criança.

Quando cursava a primeira série primária, fui escolhida pela professora para fazer o papel da Chapeuzinho Vermelho numa apresentação de final de ano. Usávamos a história da coleção Disquinho, para ensaiar na escola e em casa eu decorava minhas falas com a minha tia. Eu fazia o papel só da Chapeuzinho e a minha tia tinha que fazer o papel de todos os outros personagens.

Os ensaios foram muito bem, eu estava afiada e com todas as minhas falas na “ponta da língua”.

Eis que no dia da apresentação, logo na primeira parte da história que a Chapeuzinho saía da casa de sua mãe para levar os doces para a vovozinha... tamanha era a minha ansiedade que ao invés de parar e falar com o lobo na floresta... fui direto para a casa da vovó bater na porta. Só que a vovó ainda estava lá, pois o lobo ainda não tinha tido tempo de tomar o lugar dela. Pois bem, a professora teve que parar a cena e começarmos tudo de novo.

Esse meu lado curioso e impulsivo, sem medir consequências antes de me atirar na ação, desde a infância me rendeu a fama de ser esganada, distraída e atrapalhada assim como a personagem que me identifiquei. Portanto, penso que o primeiro passo a se

dar em direção a construção de uma personagem é encontrar pontos de contato entre a sua história de vida e a da personagem que pretende compor.

## 2. Caracterização

O próximo passo é a caracterização física e psicológica do contador de histórias o mais próxima possível da personagem.

Para ficar como a bruxa, copiei o seu figurino, criei uma voz que ao meu ver estava em harmonia com sua personalidade, ensaiei gestos, caras e bocas e os imprimi à personagem.

Brait (1985 pp 11-12) diz:

Partindo da premissa de que a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento, cabe inicialmente perguntar: • De que forma o escritor, o criador da realidade ficcional passa da chamada realidade para esse outro universo capaz de sensibilizar o receptor? • Que tipo de manipulação requer esse processo capaz de reproduzir e inventar seres que se confundem, em nível de recepção, com a complexidade e a força dos seres humanos? Ao colocar essas questões, caímos necessariamente no universo da linguagem, ou seja, nas maneiras que o homem inventou para reproduzir e definir suas relações com o mundo. Voltamos, portanto, nosso olhar às formas inventadas pelo homem para representar, simular e criar a chamada realidade. Nesse jogo, em que muitas vezes tomamos por realidade o que é apenas linguagem (e há quem afirme que a linguagem e a vida são a mesma coisa), a personagem não encontra espaço na dicotomia ser reproduzido/ /ser inventado. Ela percorre as dobras e o viés dessa relação e aí situa a sua existência.”

A caracterização deve ser tão parecida a ponto da personagem poder transitar naturalmente entre as duas realidades, mas o contador de histórias não pode perder durante a atuação a capacidade de auto-crítica. Kusnet reforça essa ideia em *Ator e Método* (1985: p. 52) :

Já dissemos que a "encarnação do papel" não significa substituição mística do ator pelo personagem, pois nesse caso o mundo objetivo deixaria de existir para o ator. Ele apenas aceita todos os problemas do personagem, assume todas as suas responsabilidades, e adquirindo a "fé cénica" na realidade da sua existência, vive como se fosse o personagem com a máxima sinceridade, mas, ao mesmo tempo, não perde a capacidade de observar e criticar a sua obra artística — o personagem.

Para ilustrar esse ponto importante do método que criei, vou narrar algumas histórias das performances da Bruxa Onilda.

Quando eu era adolescente, cursava a 6ª série do Ensino Fundamental, nos anos setenta e nosso professor de música, um certo dia, resolveu fazer um coral com os alunos e para isso começou a selecionar quem faria parte do mesmo. Pediu que todos da classe cantassem uma música e foi passando de carteira em carteira ouvindo mais de perto a

voz de cada um. O professor passava perto do aluno, colocava o ouvido mais próximo e assim escolhia aqueles que ele considerava bons. Em minha imaginação juvenil eu acreditava que ele só escolhia quem cantava bem, portanto quando passou por mim disse um sonoro “não” o que me fez acreditar que eu era um zero à esquerda no quesito afinação. Sem saber ele havia destruído qualquer chance de eu me tornar uma cantora de sucesso. Porém, os anos se passaram, e embora eu tenha cursado música na faculdade de Artes, nunca mais acreditei que poderia cantar bem.

Quando estava compondo a personagem Bruxa Onilda, resolvi que ela deveria cantar durante alguns momentos de sua performance. Cantar muito mal, exageradamente desafinada, mas com muita autoconfiança, passando a impressão de ser cantora consagrada e altamente qualificada.

Ao mesmo tempo em que doei uma característica minha à personagem, evidenciei um defeito meu de forma positiva e que provoca muitas rizadas no público. Descobri um lugar onde posso ter o prazer de cantar e ainda fazer sucesso mesmo fora dos padrões estéticos exigidos para tal.

Em 2006 fui convidada a participar do I Encontro de Escritores e Contadores de Histórias de Caxias do Sul - RS

No primeiro dia de mesa redonda, logo após os participantes da mesa contarem histórias e eu ter contado “O casamento da Bruxa Onilda” numa apresentação performática, o público predominantemente adulto, formado por professores, bibliotecários, e interessados fez filas em frente cada participante da mesa para que autografassem o livro *Antologia de Contos Populares*. O mais comum eram os escritores/contadores de histórias, autografarem na página onde estava o seu conto que pertencia à Antologia. À minha frente fez-se uma fila imensa e eu já estava com a minha roupa normal sem a roupa da Bruxa Onilda e preparada para autografar a página do meu conto *O menino Cicatriz*, referente a uma das minhas atuações no hospital como contadora de histórias voluntária.

Eis que para minha surpresa, a primeira pessoa da fila elogiou minha atuação e pediu-me que autografasse o livro dela, na página do meu conto, porém como Bruxa Onilda ! Fiquei um tanto sem graça, mas pensei, deve ser um caso isolado e atendi à solicitação da mesma. Porém, as outras pessoas da fila, também me fizeram o mesmo pedido ! Eu, muito sem graça e até enciumada da personagem fui distribuindo os autógrafos da Bruxa Onilda e posando para as fotos que as pessoas faziam questão de tirar comigo, embora lamentando que eu não estivesse mais vestida como a personagem!

No ano seguinte, em 2007 por ocasião do I Encontro Nacional de Contadores de

Histórias de Santa Bárbara D'Oeste em São Paulo levei na mala o figurino da Bruxa Onilda. O Amauri Oliveira e o Roberto Isler da Cia. Xeque Mate e organizadores do evento, alojaram a todos os participantes em uma escola da cidade. Durante o dia contávamos histórias nas bibliotecas e praças e à noite, antes de dormir, fazíamos um sarau no refeitório.

Em um dos dias do Encontro, o filho mais novo do Amauri, então com seis anos, estava presente porque soube pela mãe que a Bruxa Onilda contaria histórias à noite. Ele era fã número um da personagem e estava muito ansioso para conhecê-la pessoalmente.

Num certo momento do dia a mãe me apresentou o menino e eu bem que tentei puxar papo com ele, mas suas respostas eram monossilábicas e não davam continuidade ao diálogo. As minhas perguntas eram sobre a escola que ele frequentava, as matérias que gostava, enfim, sobre o cotidiano dele. Confesso que o meu repertório de conversa de uma mulher adulta em nada o interessou, que continuava timidamente respondendo sim ou não.

Porém, quando chegou a noite, e eu me vesti de Bruxa Onilda, antes de fazer a minha apresentação e me aproximei do garoto esperando a mesma reação que tive quando tentei uma conversa durante o dia. Eis que quando ele se virou e viu a Bruxa, seus olhinhos brilharam e seu sorriso apareceu. Eu como Bruxa, me aproximei dele, me apresentei e comecei a fazer as perguntas mais descabidas e hilárias que as pessoas ditas normais poderiam ou não imaginar.

Perguntei a ele por exemplo, se era casado, se gostava de comer lagartixa frita, se sabia fazer feitiços, e se ele estava precisando de algum em especial. Foi então que a magia aconteceu.

O garoto respondia a tudo com muitas palavras e emoção na voz. Interagia com a Bruxa como se fossem velhos amigos. Riu das histórias, contou as suas, falou da família, da escola, abriu a sua vida toda para a Onilda. Fiquei estupefata. Tinha em minha frente um outro menino, totalmente diferente do que foi apresentado à Marília.

Uma outra vez eu estava em uma escola antes de começar a narrar as histórias da bruxa e passeava pelo pátio onde estava a feira de livros, já caracterizada como a personagem. Interagia com as crianças e os adolescentes que visitavam a Feira do livro, perguntado se me conheciam, se sabiam algo das minhas histórias, apontava os livros da minha coleção nas mesas, dançava, gesticulava quando um garoto nos seus oito anos aproximadamente começou a me dar tapas e fugir.

Eu lá, brincando com as outras crianças, e ele aparecia de repente, me dava um tapa bem forte e fugia. Eu aguentava firmemente, mas já estava sentindo o peso da mão



do menino, quando o chamei de lado e deixando a voz da personagem, falei ao seu ouvido com a minha voz bem firme: - Aqui dentro desta personagem dos livros mora uma pessoa de verdade, que sente dor quando você bate. Por favor, não faça mais isso, está bem ?

E assim o menino concordou com um meneio de cabeça e eu voltei tranquilamente a atuar como personagem sem que ele me perturbasse mais.

Muitas vezes após minha atuação como Bruxa, que eu já havia trocado de roupa, algumas crianças me reconheciam e falavam: - Você é a Bruxa Onilda ! E eu, para não desfazer o encanto respondia: - Silêncio... é segredo ! Estou disfarçada de “gente normal”

### **3. Fé Cênica. Acreditar e jogar-se na experiência da personagem.**

O próximo passo do método para compor uma personagem é o contador de histórias se jogar na experiência acreditando ser a personagem.

Eugênio Kusnet em *Ator e Método* (1985: p.9) explica:

Um mentiroso, para enganar uma pessoa, não poderá deixar de acreditar na realidade do que inventou, senão o seu interlocutor perceberá a mentira; mas, simultaneamente, o mentiroso não perderá de vista a realidade da situação — a necessidade de enganar. A sua fé nesse caso também terá características da “fé cênica”.

Se na vida real, para convencer alguém da realidade do que inventamos, temos que chegar a acreditar nessa realidade, imaginem como isso deve ser importante no trabalho de ator: adquirir a fé no que é irreal, inexistente!

Então aquele espantoso dom de certos atores de convencer só pode ser baseado nessa outra capacidade, não menos espantosa: a de adquirir a fé no que eles representam.

Só o fato do contador de histórias narrar em primeira pessoa, já o coloca no lugar da personagem. Brait (pp 61-62) diz:

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens.

Faço parte da Associação Viva e Deixe Viver, que recruta, treina e gerencia voluntários contadores de histórias nos hospitais. Também sou voluntária e atuo uma vez por semana na pediatria do Hospital Cruz Azul em São Paulo, capital.

Certa vez fui convidada a dar uma palestra para os novos voluntários que estavam em processo de seleção e resolvi levar a personagem Bruxa Onilda.

Antes do início da palestra, me vesti com a roupa da Bruxa, tomando o cuidado de

não colocar o chapéu, para parecer o mais normal possível e sentei-me na plateia entre as outras cento e cinquenta pessoas.

Quando chegou o momento da minha palestra começar, eu ainda sentada na plateia, me pus a reclamar com a pessoa ao meu lado sobre a demora, ao que ela concordou. Depois de alguns segundos, comecei a reclamar alto e até gritar: Começa! Começa! Começa!

Como a palestra não começava, naturalmente, pois eu era a palestrante, proferi várias críticas à organização do evento, falando da falta de pontualidade, que todos nós havíamos levantado cedo naquele sábado porque tínhamos responsabilidades, que a pontualidade era muito importante no trabalho voluntário, etc.

Algumas pessoas riam, outras me olhavam com admiração, outras ainda me reprovavam, pois onde já se viu, alguém assim tão esquisito a ponto de verbalizar o que muitos estavam sentindo. Até que depois de eu ter simulado um sono e até roncado alto, ter perguntado se era gripe suína a uma pessoa da plateia que espirrou, ter reclamado que não tinha café, pois a máquina havia quebrado, me levantei, fui até ao palco, coloquei o chapéu, peguei o microfone e falei que era a Bruxa Onilda. Conteí algumas pequenas passagens da vida da personagem e enquanto a maioria ainda estava na dúvida, se aquilo era real ou um teatro, tirei a roupa da bruxa que estava sobre a minha própria roupa e iniciei a palestra falando das atividades e missão de um contador de histórias no hospital.

Enquanto eu atuava como a personagem, estava totalmente imersa em sua vida e me apoderei dos seus problemas. Não fingi ser a bruxa, mas sim dei credibilidade a sua existência como se fosse real.

Um outro episódio que ilustra muito bem a diferença que faz para a composição de uma personagem acreditarmos na sua realidade ocorreu em maio de 2004. Nessa época eu já me apresentava como Bruxa Onilda há quinze anos.

Estava voltando a pé para casa numa noite, quando ao atravessar uma rua, não olhei para os dois lados e fui atropelada. O carro bateu na minha perna esquerda e a fraturou, rompendo também os ligamentos do tornozelo.

No livro *As Férias da Bruxa Onilda* (1991: pp.23-24-25-26), a bruxa querendo fugir do calor e tirar umas férias num lugar tranquilo, decide ir à praia e se hospedar num hotel à beira mar. Após algumas peripécias e confusões por ser reconhecida por muitos fãs, ela decide ficar sossegada no quarto do hotel. Porém também lá aparecem jornalistas e fotógrafos que lhe tiram o sossego. Ela, então decide fugir pela janela com sua vassoura voadora, porém relata:

[...]Fiquei tão nervosa que resolvi fugir pela janela, montada em minha vassoura. Mas saí tão afobada que, em vez de vassoura, peguei o esfregão que a mulher da limpeza tinha deixado ali, no canto do quarto. Foi uma queda tão feia, que quase me arrebento toda, inclusive a dentadura.

Na próxima página do livro a ilustração mostra a bruxa toda enfaixada e com o braço e a perna engessados.

Por causa do meu acidente também fiquei com a perna engessada e sem poder andar por um bom tempo. Tive que cancelar as minhas apresentações da Bruxa Onilda agendadas pelos próximos quatro meses, tempo que fiquei impossibilitada de andar. O tédio e a ansiedade já queriam tomar conta de mim, quando me ligou a dona de uma livraria para contratar a Bruxa Onilda.

Apesar de eu dizer que estava impossibilitada de andar, pois a perna estava engessada e eu não podia apoiar o pé no chão por causa dos ligamentos rompidos, ela não desistiu da contratação.

Então lá fui eu, vestida de Bruxa Onilda desde casa, pegando um taxi e utilizando uma cadeira de rodas. Como só a perna estava engessada, enfaixei a cabeça e o braço para deixar minha personagem o mais parecida com a ilustração do livro que citei acima.

As minhas apresentações e performances da Bruxa não se limitavam exclusivamente à narração das histórias, mas também sempre fazia um passeio pela Feira de Livros, convidando a todos para as próximas sessões.

Naquela ocasião, fui visitar a feira de livros com a minha mãe empurrando a cadeira de rodas, toda cuidadosa, com medo de bater minha perna em algum lugar. Várias crianças se aproximaram e pediram para empurrar minha cadeira. Como eu estava na personagem, respondi que sim e a cena que se seguiu foi hilária para desespero de minha mãe, preocupadíssima com a velocidade que as crianças me empurravam de lá pra cá em todo o espaço da Feira de Livros. Nesse momento, a sensação foi maravilhosa!

A personagem Bruxa Onilda me possibilitou momentos únicos de diversão e alegria que jamais teria na vida real por conta da situação em que me encontrava. Depois eu estava totalmente preparada para contar “As Férias da Bruxa Onilda”

Numa outra oportunidade, estava em outra escola, brincando com as crianças antes da minha apresentação, quando uma menina se encantou tanto pela Bruxa que de mãos dadas ia pra todo canto onde a Bruxa ia.

Até que ela não cabendo em si de tanta alegria por estar assim tão próxima da personagem que era fã, virou-se pra mim e disse que me amava tanto e pediu pra se casar comigo. Era a expressão pura de um amor angelical de uma criança por sua heroína, e a forma talvez de conseguir ficar junto a ela feliz para sempre como nos contos

de fadas.

#### **4. Adequação e interação com o espectador. Bruxa Onilda não causa medo.**

Creio ser muito importante durante as apresentações, manter uma escuta atenta. Ouvir o que o público comenta, e reage ao que a personagem propõe para aceitar ou não estas propostas e improvisar em cima desse riquíssimo material.

Eugênio Kusnet fala da importância do público em seu livro *Ator e Método* (1985: pp.6-7):

Não se pode "existir em cena", realizar um espetáculo teatral só pelo prazer do próprio processo de criação. Sim, devemos amar a nossa arte, mas não apenas pelos triunfos e pelo prazer que ela nos proporciona, mas principalmente pelo direito de nos comunicar com o espectador, com o nosso semelhante. Essa comunicação só é possível quando os pensamentos, as preocupações, enfim tudo de que vive o espectador, preocupe profundamente o ator, e quando simultaneamente tudo de que vive o ator em cena possa interessar e preocupar o espectador, porque o único critério para avaliar um espetáculo é a sua influência sobre os espectadores no dia de hoje.

Nas apresentações que faço, apesar das histórias terem um esqueleto fixo, sempre deixo espaço para improvisar em cima do que o público me traz. Gosto de me manter atualizada sobre os assuntos do momento, e inserir uma observação ou outra durante a minha performance. Por exemplo, o rodízio de carros na cidade de São Paulo. Como eu nunca levo a vassoura em minhas apresentações, algumas crianças costumam me perguntar onde ela está. Se estou em São Paulo ou em outra cidade que tem rodízio, repondo que aquele dia a deixei em casa para não levar uma multa.

Quando comecei a ser convidada para fazer apresentações da Bruxa Onilda em escolas de Educação Infantil, tive a preocupação de criar estratégias para não causar medo às crianças. Os pequenos se assustam só em ouvir a palavra "bruxa". Muitas crianças pequenas tem medo do Papai Noel, de palhaços e de pessoas fantasiadas com personagens. Provavelmente se assustam com alguém que ainda não reconhecem, não têm a memória e portanto preenchem os espaços vazios com a imaginação de que esses seres lhe farão mal, lhe causarão dor.

Sabedora destes aspectos, quando vou narrar histórias para crianças pequenas, me apresento usando apenas a roupa de baixo que se constitui numa calçola e um corpete, o lenço na cabeça, os óculos sem lentes, e as meias. O chapéu virado do avesso (oncinha e sem a ponta) O vestido todo enrolado dentro do chapéu e as botas espalhadas pelo chão.

Algumas vezes chegava antes no espaço em que as crianças iriam assistir a minha apresentação e deitava no chão como se estivesse dormindo. Quando as crianças

pequenas chegavam ao local, já encontravam a bruxa deitada, de bruços e as professoras pediam silêncio para não acordá-la.

Nesse momento, onde todas estavam presentes, eu começava uma série de gestos que iam conectando as crianças a minha personagem de uma forma tranquila, sem sustos e muito divertida. Começava a roncar bem alto, coçava algumas regiões do corpo, cantava “nana neném” me virava e ficava de lado sem abrir os olhos e simulando um sono agitado. Conseguia ouvir a reação das crianças, que davam risadinhas conforme a bruxa ia se expressando.

Criada a empatia com o público nesse primeiro momento e tendo as crianças agora com a certeza que eu não oferecia perigo, me levantava, ficando em pé e ainda com os olhos fechados caminhava em direção à parede simulando sonambulismo. E então acordava quando dava uma trombada na parede. Falava que estava sonhando, um sonho lindo com crianças lindas. Eles sempre me respondiam que eu não estava sonhando e sim eu realmente estava diante de crianças lindas na escola tal. Então eu me olhava e me dava conta que estava só em roupas de baixo e ficava envergonhada pedindo que eles fechasse os olhos. Então começava a procurar a minha roupa.

Muito mais eficaz do que apenas dizer que eu era uma bruxa boa, porém um pouco atrapalhada, era toda essa encenação que fazia as crianças irem construindo junto comigo a personagem da Bruxa Onilda. Fazendo a transformação na frente delas, não deixo muito espaço para a imaginação, que nesse caso poderia ser danosa e quando as crianças veem a bruxa pronta, não se assustam e até fazem festa. É muito engraçado ouvir as crianças chamando a “buxa” para beijá-la e abraçá-la, já que uma das características da personagem é a bondade expressa por palavras o tempo todo.

### **Hora de fazer um balanço dos aprendizados, me apropriar do método e aplicá-lo nas personagens incompletas e na composição de outras novas personagens.**

Ao longo de mais de duas décadas que atuo como contadora de histórias, iniciando com a Bruxa Onilda, paralelamente também desenvolvi outras personagens contadoras de histórias como a Dama de Copas<sup>2</sup>, a Dona Benta<sup>3</sup>, a Vovozinha<sup>4</sup> e a Fada Azul<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Personagem que adaptei da história de Alice no país das maravilhas que representa a Rainha de Copas. Na minha versão a Rainha fez um tratamento psiquiátrico e está sob controle no sentido de não mais mandar cortar as cabeças das pessoas que a desagradarem.

<sup>3</sup> Personagem de Monteiro Lobato que conta histórias do Sítio do Picapau Amarelo.

<sup>4</sup> Personagem que narra os contos de fadas tradicionais e convida os espectadores para fazerem parte das histórias como personagens.

<sup>5</sup> Personagem da história do Pinóquio que aborda os valores nas narrativas.

Porém, no meu ponto de vista, essas outras personagens são incompletas e frágeis, porque por motivos vários que aqui não cabe explaná-los, não utilizei o método descrito anteriormente, para compô-las.

A escrita do atual trabalho me levou à reflexão sobre como essas outras personagens não causam os mesmos efeitos de empatia, afeto e até porque não dizer, paixão no público e em mim mesma. Provavelmente isso acontece porque não segui o mesmo caminho trilhado para construir a Bruxa Onilda e porque não tiveram de mim o mesmo empenho para amadurecê-las como a Bruxa.

Portanto, para tornar essas personagens tão carismáticas quanto a Bruxa, pretendo a partir de agora revê-las e aplicar a elas o mesmo método criado na composição da Bruxa Onilda.

Com a trajetória da escrita desse trabalho aprendi que o objetivo do contador de histórias que as quer contar a partir de um personagem narrador é mostrar ao espectador o que a personagem quer, o que pensa e para que vive. Concordo totalmente com Eugênio Kusnet quando diz no seu livro *Ator e Método* (1985: pp.7-8) o seguinte:

O espectador não vai ao teatro só para "encontrar resposta a seus problemas" (isto é muito raro), ele vai lá principalmente para se divertir. [...] se você conseguir dar forma atraente, excitante ou divertida aos problemas seríssimos que você apresenta em cena, o espectador terá vontade de participar do espetáculo — ao menos mentalmente — e assim absorverá suas ideias imperceptivelmente para ele próprio. É raro que o espectador, atraído pela ação forte do espetáculo, consiga raciocinar sobre o que vê e ouve. Basta que ele sinta a ação. As emoções adquiridas, mais tarde, em casa, pouco a pouco serão transformadas em pensamentos e conclusões. Assim o teatro ENSINA DIVERTINDO E, ÀS VEZES, BRINCANDO. Por isso, a meu ver, um dos problemas importantes nos estudos para o futuro ator é, paradoxalmente, a capacidade de "brincar seriamente", isto é, nunca perder o extremo prazer de exercer a sua arte, enquanto vive em cena os mais graves problemas da vida humana.

A escrita desse artigo suscitou também em mim um profundo sentimento de gratidão pelas experiências que vivi, pelas pessoas que fizeram parte da minha vida e principalmente pela oportunidade de realizar este trabalho de contadora de histórias que tanto amo.

Portanto, que eu continue contando histórias e por meio das performances de minhas personagens eu siga divertindo, brincando e aprendendo com minhas experiências. E que outros narradores possam pegar carona nas minhas reflexões para poderem enveredar por caminhos tão ou mais prazerosos e belos.

## Referências:

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo. Ática, 1985.

FERREIRA., *Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.1975.

KUSNET, Eugênio. *Ator e Método*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1985

LARREULA, Emric. *As férias da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 1991.

LARREULA, Emric. *As Memórias da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 1991.

LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda vai à festa*. São Paulo: Scipione, 1991.

LARREULA, Emric. *Bruxa Onilda e a Macaca*. São Paulo: Scipione, 1991.

LARREULA, Emric. *O Casamento da Bruxa Onilda*. São Paulo: Scipione, 1991.

### **Marilia Tresca**

É contadora de história, designer gráfica e professora de Artes. Criou o Grupo Caminhando, Cantando e Contando Histórias... e se apresenta em escolas, bibliotecas e centros culturais. Ministra oficinas, cursos e palestras sobre a arte de contar histórias e organiza saraus de contadores de histórias. É contadora de histórias voluntária na Associação Viva e Deixe Viver e atua na pediatria do Hospital Cruz Azul.